

POR UMA GEOGRAFIA PARA A VIDA: O TRABALHO COM PROJETOS COMO CAMINHO PARA A AUTONOMIA DE ESTUDANTES NA ESCOLA BÁSICA

144

FOR A GEOGRAPHY FOR LIFE: WORKING WITH PROJECTS AS A WAY TO
AUTONOMY OF STUDENTS IN PRIMARY SCHOOL

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>

Maria Ana Paula Freire da Silva

anapfreiresilva@gmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife – Pernambuco - Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-2375-3502>

Gilvaneide Ferreira de Oliveira

gilvaneide.oliveira@ufrpe.br

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife – Pernambuco - Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-8663-9803>

Resumo

O mundo atual está marcado por intensas transformações caracterizadas pelos novos contextos

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

tecnológicos, científicos e pela informação rápida e atualizada. Neste mesmo contexto se encontra a educação formal, buscando caminhos que possam garantir aprendizagem significativa e formação integral dos sujeitos. Entretanto, as escolas ainda divergem desses novos tempos. O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância do trabalho com projetos contextualizados nas aulas de Geografia para o desenvolvimento crítico e a construção da autonomia dos/as estudantes na escola básica, neste caso, trabalhos com metodologia científica. Considera-se aqui a reflexão sobre a prática docente da autora enquanto professora e orientadora de tais projetos. A educação não pode se isolar dos acontecimentos cotidianos, ela faz parte deles. As aulas de Geografia não podem perpetuar-se nos relatos enfadonhos e sem coerência dos(as) estudantes, ao contrário, precisam fazer sentido para suas vidas. A vida real não pode ficar do lado de fora das salas de aula, pois estão pulsando nos corpos e mentes dos que adentram estes espaços. O trabalho com projetos no contexto escolar demanda envolvimento, comportamento dialógico, autonomia e parceria entre professores(as) e estudantes. Apesar de lentos, esses caminhos precisam ser construídos e trilhados.

Palavras-chave: Geografia para a vida; autonomia; projetos; escola básica.

Abstract

The current world is marked by intense transformations characterized by new technological and scientific contexts and by fast and updated information. In this same context is formal education, seeking ways that can ensure meaningful learning and comprehensive training of individuals. However, schools still diverge from these new times. This article aims to reflect on the importance of working with contextualized projects in Geography classes for the critical development and the construction of student autonomy in basic school, in this case, work with scientific methodology. We consider here the reflection on the teaching practice of the author as a teacher and advisor of such projects. Education cannot isolate itself from daily events, it is part of them. Geography classes cannot perpetuate themselves in the boring and incoherent reports of the students; on the contrary, they need to make sense of their lives. Real life cannot remain outside the classrooms, as it is pulsating in the bodies and minds of those who enter these spaces. The work with projects in the school context demands involvement, dialogical behavior, autonomy, and partnership between teachers and students. Although slow, these paths need to be built and walked.

Keywords: Geography for life; autonomy; projects; basic school.

Submetido em 06 de setembro de 2022

Aceito em 01 de dezembro de 2022

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

Introdução

Vivemos um confronto de ideias e ideais, um tempo presente marcado pelas velocidades que se mostram imperativas e desafiadoras. O século XXI, definido pelas urgências dos momentos, encurtou distâncias e acelerou o ritmo dos acontecimentos. As técnicas, representadas por “um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem produz sua vida [...]” Santos (2009, p. 29), se mostram infinitas no tempo e no espaço, de tal forma que “não há essa coisa de um meio geográfico de um lado e de um meio técnico do outro” (2009, p. 41), um período histórico considerado como meio técnico-científico e informacional. Novas e modernas tecnologias aliadas à ciência e à informação se fazem presentes também no universo da educação formal, indispensáveis e indissociáveis dos novos contextos, impactando direta e indiretamente os cotidianos. As aulas de Geografia não se acham excluídas dessa dinâmica global, por esta razão mesma, justifica-se aqui um olhar mais sensível acerca da importância da ciência geográfica no contexto das salas de aula. Para aulas de Geografia verdadeiramente democráticas, inclusivas, participativas, que corroborem com o pensamento crítico e construção das autonomias dos(as) estudantes, dessa forma, Lopes (2010, p.33), diz que “a Geografia de base humanista-fenomenica emerge-se inegavelmente como alternativa palpável à junção entre objetividade e subjetividade, relevando que o sentimento e as emoções devem ser incluídos na realização dos conhecimentos e saberes”, argumentando que “o homem não deve ser estudado meramente como um ser que racionaliza, todavia este sente, ou seja, experimenta sensações, sentimentos, que é reflexivo, imaginativo, criativo” (2010, p. 29) e a escola não pode fechar-se a essas condições, em que metodologias ancoradas em modelos tecnicistas, centrados em transmissão de conhecimento não funcionam mais.

Essa forma socialmente dominante da geografia escolar e universitária, na medida em que ela anuncia uma nomenclatura e que inculca elementos de conhecimentos enumerados sem ligação entre si (o relevo – o clima – a vegetação – a população...), tem o resultado não só de mascarar a trama política de tudo aquilo que se refere ao espaço, mas também de impor, implicitamente, que não é preciso senão memória (LACOSTE, 2012, p. 32-33).

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

É notório que apesar dos avanços, que não se resumem apenas aos técnicos, as escolas permanecem encravadas nessas estruturas arcaicas, sujeitas a modelos conservadores, intencionais e com pouca ou nenhuma autonomia, assumindo práticas desarticuladas deste tempo presente. Souza (2021, p.37), complementa que, sabendo-se ser a Geografia “uma ciência do presente que nos faz compreender a vida humana na superfície do planeta nesta atualidade” não se pode desprezar o reconhecimento desta ciência como fundamental para a compreensão e análise crítica do mundo. Desta forma, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do trabalho com projetos contextualizados nas aulas de Geografia para o desenvolvimento crítico e a construção da autonomia dos/as estudantes na escola básica. Outros teóricos fundamentam esta discussão, dentre estes, Santos (2000;2009), que nos inspira a mantermos em marcha “a nova consciência de ser mundo” (2000, p. 172), ampliando a compreensão da Geografia enquanto ciência do presente, da história de homens e mulheres no território de convivência social e não obstante nos fazer refletir sobre o nosso objeto de estudo, o espaço geográfico, no cotidiano da nossa prática enquanto professores e professoras de Geografia neste mundo em metamorfose. Em Hernández (1998) e Hernández e Ventura (2017, p.87) nos apropriamos de algumas considerações acerca de projetos de trabalho, argumentando que “a função principal do projeto é possibilitar aos alunos o desenvolvimento de estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares [...]” sendo, dessa forma, uma prática de metodologia ativa capaz de despertar nos(as) estudantes a criatividade e interesse pelas aulas e, dessa forma, levando-os à aprendizagem significativa.

Os projetos de trabalho supõem, do meu ponto de vista, um enfoque do ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas na Escola, para dar resposta (não “A resposta”) às mudanças sociais, que se produzem nos meninos, meninas e adolescentes e na função da educação, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la (HERNÁNDEZ, 1998, p. 64).

E porque a sociedade não é mais a mesma e os tempos são outros, é que a escola não pode permanecer no mesmo modelo de séculos atrás. Ainda sobre o desenvolvimento de projetos na

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

escola, trazemos também as contribuições de Kilpatrick (2020), discípulo de John Dewey (1859-1952), também sob a perspectiva do trabalho na escola a partir da realidade do estudante, dialogando acerca do “método de projetos” enquanto possibilidade para o envolvimento entre professores e estudantes a partir da atividade intencionada, ativa e significativa no processo de aprendizagem. Demo (2015), também discute acerca da educação pela pesquisa, uma atitude permanente na prática, seja escolar ou acadêmica. Muitas vezes, o contato de um(a) estudante com a pesquisa dá-se somente ao adentrar o nível superior, sendo um grande desafio para estudantes, professores e professoras.

Paulo Freire, outro teórico fundamental para este trabalho, considera a importância da permanente reflexão por parte dos professores e professoras sobre a sua prática, incluindo nesta os educandos, pois “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” Freire (2013, p. 25), o autor chama a atenção para o respeito à condição de sermos eternos aprendizes, cientes do nosso inacabamento enquanto pessoas humanas e com esta percepção, abre espaço à educação integral, respeitosa, libertária e transformadora, pois “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (2013, p.58). Essa forma de pensar e agir no mundo concebe outras maneiras de ser e estar presente na escola básica, e o trabalho com projetos proporciona o trabalho coletivo, onde todos e todas podem ser protagonistas de suas ações e articuladores de novas descobertas e saberes. Neste contexto, Morin (2011, p.43) nos diz que “A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem.” E nessas complexas relações, “todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias [...]” (2011, p. 49), e complementa “[...] ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência” (2021, 47), estabelecendo vínculos, incorporando saberes novos àqueles

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

que já se sabe, sem esquecer que somos todos e todas seres humanos. Devemos ampliar a capacidade que cada um(a) de nós temos enquanto indivíduo de fomentar sonhos e, coletivamente, criarmos condições para que se tornem realidade. A escola muitas vezes aprisiona os sonhos em nome da concretude disciplinar. A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), “É uma das mais eficazes formas disponíveis de envolver os alunos com o conteúdo de aprendizagem [...]” Bender (2014, p.15), possibilitando aos estudantes irem além da sala de aula, se envolvendo em desafios e buscando a resolução de problemas. É certo não será a única condição para promoção de mudanças significativas para a educação, mas pode contribuir com um dia a dia mais participativo e interacional no chão da escola básica.

Metodologia

As reflexões aqui apresentadas consideram a abordagem qualitativa de pesquisa de caráter descritivo, tendo como referência as observações sobre a prática envolvendo projetos científicos contextualizados nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental Anos Finais, um movimento permanente de ação-reflexão-ação “que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores” Alarcão (2011, p.44), e em cujo processo mergulhamos enquanto educadoras na sua didiscência, conceito freireano que se traduz na condição do(a) docente enquanto eterno aprendiz. Em se tratando de pesquisa qualitativa, Minayo (2019, p.20), diz que esta “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” e por ser o objeto das Ciências Sociais histórico, marcado pelas subjetividades inerentes aos seres humanos e suas realidades vividas, neste artigo trazemos a reflexão da própria prática docente da autora enquanto orientadora de projetos científicos nas turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Essas observações foram feitas de forma processual, tendo em vista a condição de professora orientadora nas turmas do Ensino Fundamental dos 8º e 9º anos, mais especificamente entre aos anos de 2016-2021.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

Em função do seu objetivo, classificamos a abordagem desenvolvida nesta observação, segundo Bacich e Moran (2018, n.p), como Projeto investigativo “quando o foco é pesquisar uma questão ou situação, utilizando técnicas de pesquisa científica”. As investigações partem geralmente de um problema, uma curiosidade identificada pelos(as) próprios(as) estudantes e suas inquietações, mobilizando seus conhecimentos prévios, afinal de contas ninguém chega à escola desprovido de saberes, e incorporando novos, a partir da prática. Nesse caminho, estarão sempre acompanhados(as) pelos(as) professores(as) orientadores(as). Essas Crianças e adolescentes recebem diariamente estímulos externos à sala de aula, influenciam o meio ao mesmo tempo em que são por ele influenciados e esses estímulos demandam novas adaptações e uma variedade de atitudes inerentes aos novos tempos e situações, para tanto, a escola precisa “Ser um lugar onde pessoas diferentes se encontram para viver juntas experiências de aprender-ensinar-aprender através da construção solidária de seus saberes” Brandão (2003, p.203), com propostas centradas no estudante e envolvendo-o diretamente em todas as etapas do processo que lhes diz respeito diretamente, não como mero receptor, coadjuvante, mas sujeito ativo e essencial.

Os estudantes envolvidos nos projetos de metodologia científica são todos oriundos de escola pública do Recife, onde desenvolveram seus projetos. Atualmente estão cursando o Ensino Médio em outra rede de ensino. Quanto aos projetos vivenciados nas escolas, os próprios estudantes-autores escolhem seus próprios temas, mediante um problema observado na escola, na comunidade, no bairro, na cidade e organizam-se em grupos de até três componentes. São os estudantes também quem escolhem o professor ou professora que os auxiliarão durante todas as fases da pesquisa, desde a introdução, metodologia, desenvolvimento até os resultados e conclusão. A partir dessa mobilização, o contexto da sala de aula ganha outros enfoques, porque mesmo não tendo todos os estudantes de uma mesma sala de aula envolvidos no projeto científico assumido por alguns grupos, todos e todas se envolvem direta e/ou indiretamente nos trabalhos, aprendendo com os colegas autores e contribuindo para o propósito de manter a pesquisa em movimento, através das entrevistas, rodas de diálogo sobre o tema que está sendo pesquisado, fazendo trabalhos que envolvem a temática. Os(as) estudantes pesquisadores(as) também

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

elaboram e alimentam um diário de bordo, “onde o estudante registra cada fase do desenvolvimento de seu projeto” Azevedo (2013, p.48), assim, nada se perde pelo caminho. O diário de bordo é peça fundamental na pesquisa científica escolar e assim como o projeto e o relatório, é solicitado e explorado durante avaliações de feiras de ciências na escola e em eventos científicos municipais, estaduais, nacionais e até internacionais. São os estudantes também que saem a campo para coleta de dados, essenciais para responder as perguntas relacionadas à investigação, ou as hipóteses formuladas. As orientações são realizadas de acordo com o tempo do(a) professor(a), mas também podem ser realizadas trocas via redes sociais, e-mail e mais recentemente, nas plataformas digitais. O trabalho com projetos está classificado entre as metodologias ativas, “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida”, Bacich e Moran (2018, n.p), dessa forma, para que a prática de projetos com metodologia científica aconteça na escola básica, práticas conteudistas e desarticuladas da vida não funcionam mais.

Será mister desenvolver a face educativa da pesquisa, também para não restringi-la a momentos de acumulação de dados, leituras, materiais, experimentos, que não passam de insumos preliminares. A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores (DEMO, 2015, p. 9).

Nessa mesma linha de raciocínio, e ampliando a temática aqui desenvolvida através da “proposta” de uma Geografia para a vida atrelada, entre outras possibilidades pedagógicas, à pesquisa científica na escola básica, precisamos nos indagar que ciência é essa que estamos praticando na escola. Como o empírico e o científico se entrelaçam na busca de garantias efetivas para reconhecer evidências concretas de engajamento dentro do espaço escolar e também fora dele? Muitas respostas podem efetivamente corresponder a essas e tantas outras perguntas, entretanto, é imprescindível saber que fazer ciência na escola básica é considerar que nem tudo

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

precisa ter fórmulas prontas e resultados concretos cercados de objetividade, principalmente em se tratando de pesquisa nas ciências sociais e humanas. “A aprendizagem da ciência é um processo de desenvolvimento progressivo do senso comum. Só podemos ensinar e aprender partindo do senso comum de que o aprendiz dispõe.” Alves (2015, p.12) e a autonomia para esse desenvolvimento não se dissocia de liberdade, autenticidade, criatividade e afeto. Assim, organicamente.

Precisamos nos perguntar se as escolas básicas estão abertas a essas discussões, se estão fomentando o espírito crítico de educadores e educandos dispostos a pensar sobre as realidades vividas de forma sistêmica, não apenas reproduzindo conteúdos dos livros didáticos. O desenvolvimento de trabalhos com projetos científicos nas aulas de Geografia significa possibilidades concretas de abertura para a problematização crítica do mundo a partir do próprio lugar de vivência.

Para Milton Santos o lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao se realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem. Esta é para o autor a abertura da Geografia neste final de século (CARLOS, 2007, p. 26).

Grande parte dos trabalhos desenvolvidos sob essa perspectiva, lançou olhares sobre a própria escola e comunidade, fortalecendo elos que extrapolaram os muros da escola e ampliando o olhar crítico dos estudantes sobre o espaço vivido, a leitura das suas paisagens, sua configuração territorial e as relações sociais estabelecidas no lugar, as condições de vida dos moradores, a representatividade feminina na comunidade, a espacialidade dos objetos técnicos, a escassez de elementos que possam produzir maior qualidade de vida para os habitantes da localidade, o trabalho de campo e tantas outras questões socioespaciais que precisam ser trabalhadas nas aulas de Geografia e que vão muito além do que está nos livros didáticos.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

Resultados e Discussão

Como resultado, percebe-se a escola mais viva e dinâmica, uma efetiva condição que extrapola não apenas as formas convencionais dos currículos, mas os próprios muros da escola, literalmente. As crianças e adolescentes vivem nesse mundo permeado pelas técnicas, pelas inovações tecnológicas e informações, entretanto, quase sempre, ficam “do lado de fora” das discussões que lhes dizem respeito, não sendo “convidados(as)” a compreender seu papel como atores e atrizes produtores(as) de cultura, por isso, é importante que os educadores e educadoras reconheçam que “é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele”, Freire (2013, p.11), garantindo-lhes participação ativa nos diálogos tão necessários nas aulas e na vida. E complementa, “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. [...] quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola” (2013, p.11), que precisa estar aberta para que todos e todas possam falar, expressar seus interesses e ideias.

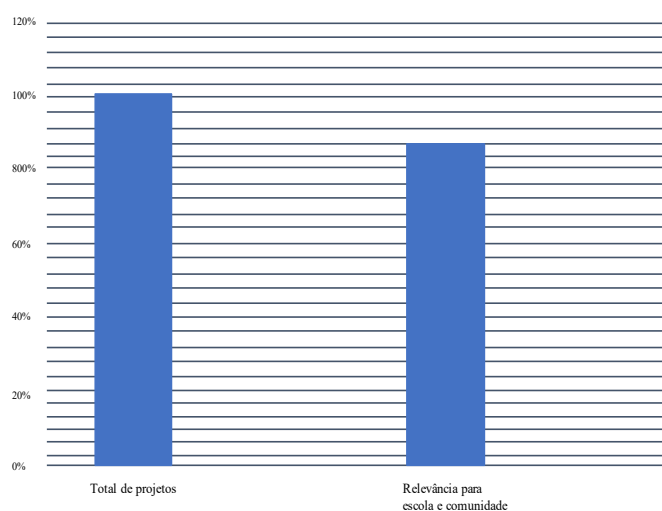
A participação desses estudantes enquanto pesquisadores e pesquisadoras no próprio lugar de vivência, vem efetivando a necessária condição de perceber o mundo através de uma visão sistêmica “permitindo entender como cada lugar, mas também cada coisa, cada pessoa, cada relação dependem do mundo”, Santos (2000, p.169). Faz-se necessário uma ciência, uma escola, uma educação voltada para a vida, de forma ética e responsável no palco das realizações cotidianas, onde as solidariedades ocorrem. Brandão (2015, p.22), diz que “Toda ciência do humano deve servir aos humanos [...]. Ela deve se reconhecer mais em sua fragilidade aberta ao diálogo do que em suas certezas fechadas no monólogo de seus praticantes”. Nem mesmo a ciência praticada na escola básica deve se fazer compreender enrijecida em formatos puramente convencionais, mas abrir espaço para formação ética dos homens e mulheres nos seus lugares de vivência coletiva.

Como amostra para esta discussão, tomamos como referência os quinze projetos realizados entre os anos de 2016 a 2021 de acordo com essa metodologia. A maior parte dos projetos, treze

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

destes, totalizando cerca de 86,7% do total (gráfico 1), abordaram temas relacionados a questões sociais envolvendo a própria escola e/ou comunidade como lócus da pesquisa, ampliando o diálogo entre escola e comunidade e a relevância social dos mesmos.

Gráfico 1: Temáticas voltadas para a escola e/ou comunidade

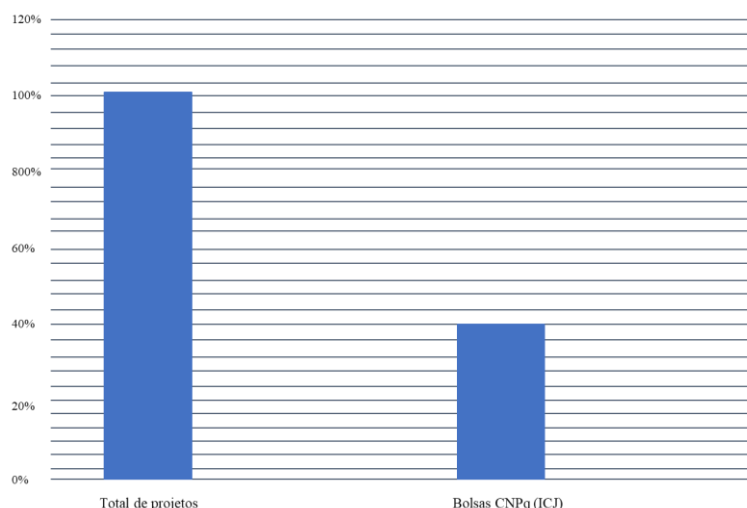


Fonte: autoria própria

Dos quinze projetos orientados, seis, 40% do total, foram qualificados a receber bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade Iniciação Científica Júnior (ICJ), vinculadas às premiações e/ou participações na FEBRACE – Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – USP/São Paulo e Ciência Jovem/Pernambuco, (gráfico 2). Todos os estudantes envolvidos na pesquisa, no caso três para cada projeto da Febrace e dois, da Ciência Jovem, receberam o valor correspondente a R\$ 100,00 (cem reais) durante o período de doze meses. No total, foram dezesseis estudantes beneficiados e que conseguiram continuar suas pesquisas, isso porque “um projeto permite iniciar novos caminhos” Hernández (1998, p. 132), numa busca permanente e prazerosa por novos achados.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

Gráfico 2: Projetos contemplados com bolsas CNPq (ICJ)



Fonte: autoria própria

Tendo ainda como referencial o quantitativo de projetos mencionados, é importante salientar que todos participaram de feiras de ciências da escola onde desenvolveram seus trabalhos, sendo quatorze destes, selecionados para a FECON – Feira de Conhecimentos, Ciência, Tecnologia e Inovação do Recife. O único projeto que não participou da feira municipal foi realizado durante a Pandemia do novo Coronavírus, ocasião em que não houve o evento. Entretanto, participaram virtualmente de outra mostra.

Do total de projetos trabalhados, nove foram classificados para feiras externas, sendo seis em feiras nacionais, (40%) e dois, (cerca de 13,33%) em feiras internacionais (gráfico 3), totalizando três países diferentes, pois um mesmo projeto recebeu credenciamento para a Muestra Científica Latinoamericana, Trujillo/Peru (2018) e para a Genius Olympiad, uma competição internacional de projetos em Nova York, Estados Unidos (2019), com o tema: “A questão da fome: de Josué de Castro à segurança alimentar e nutricional”. Devido à relevância do projeto na comunidade, o mesmo recebeu votos de aplausos público da Câmara de Vereadores do Recife.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. *Revista Rural & Urbano*. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

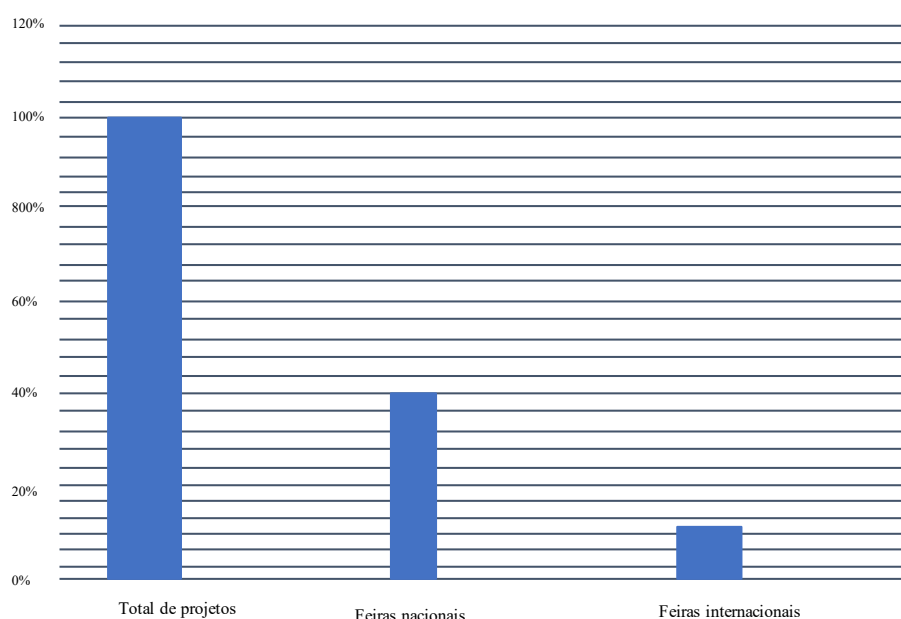
Conhecer outros lugares, culturas e pessoas é uma experiência ímpar na vida desses meninos e meninas, além da condição de poder socializar suas pesquisas com estudantes de outras regiões e países.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –, mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2013, p. 31).

156

Cada tema é uma oportunidade diferenciada de ir além, de conhecer o mundo e pensar em transformá-lo.

Gráfico 3: Participação em feiras e eventos nacionais e internacionais



Fonte: autoria própria

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

Além dos projetos mencionados, podemos citar: “Sementes em solo fértil: estudos sobre os impactos positivos e negativos da vegetação em áreas de morro”, apresentado na Milset AMLAT – Antofagasta/Chile (2018). O projeto: “A diáspora dos novos tempos: os caminhos e destinos dos refugiados” foi credenciado para uma feira colombiana, também impossibilitados devido à pandemia do novo Coronavírus. Entre os trabalhos mais recentes, “Vacinar ou não vacinar: os efeitos colaterais do século XXI” repercutiu na escola, na comunidade e extrapolou esses ambientes, participando de eventos nas plataformas digitais e recebendo premiação regional da Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz – RJ. Enquanto professora orientadora, percebe-se que a participação dos(as) estudantes nos referidos eventos, garante maior intercâmbio cultural, amplia o círculo de amizades, o respeito às diferenças, a participação feminina enquanto pesquisadoras e o fortalecimento da autoestima e da esperança desses e dessas jovens, em que Morin (2015, p.63), menciona “a possibilidade de nova criação” e complementa, “E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão”, (2011, p.63), no que Freire (2020, p.100), acrescenta “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”, Resta-nos continuar pesquisando para saber as opiniões desses protagonistas em relação a essas vivências e acreditando nas suas potencialidades.

Considerações Finais

Não se pode conceber um mundo caracterizado por tantos avanços e técnicas capazes de articular simultaneamente espaços e pessoas que se encontram há quilômetros de distância e ao mesmo tempo desarticular relações e vidas que se entrelaçam nas paredes de uma escola. Na realidade atual, “a tendência a anulação do tempo/distância entre lugares no espaço do globo terrestre parece diminuir de tamanho articulando lugares agora através das redes de alta densidade de trocas de informações” Carlos (2007, p.24), e diante dessas constatações, podemos nos

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

perguntar: qual escola temos? Qual escola queremos? Como as subjetividades da vida estão presentes nas aulas de Geografia, que é “eminentemente uma ciência social”? Andrade (2008, p.30). Parece que ao adentrar no universo compreendido como “sala de aula” os corpos e mentes devem ser adaptados a regras, e a primeira delas é aquela que transforma gentes em professores/as, em alunos e alunas. Os currículos engessados orientam as práticas e até destinos, vale destacar que “[...] ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conceito adquirido em sapiência e da incorporação dessa sapiência para toda a vida” Morin (2021, p. 47), mas a regra é deixar prontos e preparados seres humanos aptos para o trabalho, ainda nos moldes e orientações dos anos 1970. Não se pode evidentemente dizer que a maneira disciplinar das aulas focadas nos saberes específicos não funciona mais, não é isso. O que nos desafia é considerar que apenas esse formato não dá conta de compreendermos as múltiplas dimensões das diversas realidades e da vida.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Esse uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar (MORIN, 2011, p. 37).

É nesse pensamento, que nos parece sensato o trabalho com projetos na escola básica. Não trazendo modelos prontos, determinados pela coordenação pedagógica das escolas, mas criações livres e desejosas pelos próprios estudantes, determinados a buscar soluções para os problemas que eles e elas consideram relevantes. Assim, Freire (2013, p. 33), complementa “A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, [...] faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move”, não haverá prazer em estudar Geografia ou qualquer outra ciência do currículo estabelecido como obrigatório nos documentos e instituições, se esta ciência não estiver conectada com os saberes da vida, razão e emoção. O

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

estudo na escola tem que fazer sentido para a vida, não simplesmente fazer sentido para testes e provas. No momento em que no contexto das salas de aula de hoje, ainda carregadas de compartimentos disciplinares, com carteiras enfileiradas voltadas para uma única direção, onde estudantes tendem a ter as mesmas respostas, ou não terem resposta alguma, porque nem sabem que podem falar, se abrirem outras possibilidades, outra atmosfera mais solidária e afetuosa, caracterizada por arranjos diferenciados das rotinas de sempre, a educação estará iniciando um rumo novo. Freire (2013, p.139), nos lembra que “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”, uma busca que é individual e coletiva, própria da condição humana de inacabamento, como diz o autor. Santos (2000, p.168-169), diz que “A velocidade com que cada pessoa se apropria da verdade contida na história é diferente, tanto quanto a profundidade e coerência dessa apropriação. A descoberta individual é, já, um considerável passo à frente [...]” na busca dessas e de tantas outras propostas que possam nos levar à liberdade, em vez de nos deter no imobilismo.

Referências

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva** / Isabel Alarcão. – 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v. 8).

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e as suas regras**. – 19.ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Coleção leituras filosóficas).

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**/Manuel Correia de Andrade. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

AZEVEDO, Celicina Borges. **Metodologia científica ao alcance de todos** / Celicina Borges Azevedo, - Barueri, SP: Manole, 2013.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/manap/Downloads/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf>. Acesso em: 12.07.2022.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

BENDER, Willian N. **Aprendizagem Baseada em Projetos**: educação diferenciada para o século XXI/ tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – Porto Alegre, Penso, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. - São Paulo: Cortez, 2003. (Série saber com o outro; v. 1).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007,

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa** / Pedro Demo. – 10. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2015. – (Coleção educação contemporânea)

DE SOUZA, Maria Adélia. A GEOGRAFIA RENOVADA E A COMPREENSÃO DO MUNDO ATUAL. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 1, n. 1, p. 21-56, 2021. Disponível em: < <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/boletimalfenensedegeografia/article/view/1656>> Acesso em: 29.06.2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**/Pulo Freire. – 74. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio / Fernando Hernández, Montserrat Ventura ; tradução: Jussara Haubert Rodrigues; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 5. Ed. – Porto Alegre: Penso, 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho / Fernando Hernandez; tradução Jussara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre : Artmed, 1998.

KILPATRICK. William Heard. **Educação para uma sociedade em transformação** / William Heard Kilpatrick; tradução de Renata Gaspar Nascimento. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. - (Coleção Textos Fundantes de Educação). 4ª reimpressão, 2020.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**/Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. – 19ª ed. – Campinas, SP; Papirus, 2012.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>

LOPES, Jecson Girão. A geografia humanística como ferramenta de ensino. **Geosaberes: Revista de estudos geoeeducacionais**, v. 1, n. 2, p. 26-38, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856443003.pdf>. Acesso em: 11.07.2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** / Maria Cecília de Souza Minayo (Org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016 (Série Manuais Acadêmicos). 2ª reimpressão, 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. Ed.rev. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento** / tradução Eloá Jacobina. - 26ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**/ Milton Santos. – 4. Ed. 5. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. – (Coleção Milton Santos); 1).

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. - 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Ana Paula Freire da; OLIVERIA, Gilvaneide Ferreira. Por uma Geografia Para a Vida: o trabalho com projetos como caminho para a autonomia de estudantes na escola básica. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 07, n. 02 p. 144 – 161, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2022.255073>>